

# 19 Tempo Comum

SERRA DO PILAR, 9 agosto 2020 [www.serradopilar.com](http://www.serradopilar.com)

## **Hoje se escutardes a voz do Senhor Não fecheis os vossos corações.**

Vinde, exultemos de alegria no Senhor,  
aclamemos a Deus, nosso Salvador.  
Vamos à sua presença e dêmos graças;  
ao som de cânticos, aclamemos o Senhor.

Irmãos:

Todo o mundo é julgado pelos seus frutos, das árvores aos alunos. O que julga a História são os progressos e os desastres.

As Nações não estão contentes nem com as promessas nem com as realizações. O "Admirável Mundo Novo" que nos prometiam está definitivamente esvaziado de sentido. Mas o Direito, a Justiça e a Paz parecem entrar cada vez mais na consciência dos Povos e das Nações.

Neste "mar açoitado pelas ondas por o vento ser contrário" - é textual a expressão do Evangelho de Mateus - até a "barca" (da Igreja), em princípio um lugar seguro para a travessia deste mar, parece afundar-se: o próprio Jesus, tantos o confundem com um fantasma! "Porque duvidais, homens de pouca fé?".

Amo o Senhor que escutou minha voz suplicante  
Inclinou o seu ouvido no dia em que chamei por ele.

## **Kyrie, eleison!**

Cercaram-me laços de morte  
O abismo se abriu p´ra me levar!  
Caí na tristeza e na angústia  
Invoquei o nome do Senhor  
Senhor, vem salvar-me!

## **Christe eleison!**

O Senhor é bom e é justo  
O Nosso Deus é compassivo  
O Senhor olha pelos pobres  
Estando eu sem forças me salvou

**Kyrie, eleison!**

Minha alma, alegre o teu rosto  
Porque o Senhor foi bom para contigo  
Minha alma alegre o teu rosto  
O Senhor ouviu o teu clamor!

Oremos!

Ó Pai,  
dá à tua Igreja uma verdadeira confiança  
diante das suas reais dificuldades  
e das prementes necessidades do Mundo,  
para que possa abrir-se à Graça  
que a justifica, fortalece e move  
e não se imobilize na tristeza e no pessimismo.  
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,  
na Unidade do Espírito Santo.  
**Amen!**

Leitura do Primeiro Livro dos Reis (1 Re 19,9a.11-13a)

Naqueles dias, o profeta Elias chegou ao monte de Deus, o Horeb, e passou a noite numa gruta. O Senhor dirigiu-lhe a palavra, dizendo: *Sai fora e permanece no monte à espera do Senhor*. Então, o Senhor passou. Diante dele, uma forte rajada de vento fendia as montanhas e quebrava os rochedos; mas o Senhor não estava no vento. Depois do vento, sentiu-se um terramoto; mas o Senhor não estava no terramoto. Depois do terramoto, acendeu-se um fogo; mas o Senhor não estava no fogo. Depois do fogo, ouviu-se uma ligeira brisa. Quando a ouviu, Elias cobriu o rosto com o manto, saiu e ficou à entrada da gruta.

Salmo Responsorial (do Salmo 84)

**Mostrai-nos o vosso amor,  
Dai-nos a vossa salvação!**

Deus fala de paz ao seu povo e aos seus fiéis  
e a quantos de coração a ele se convertem.  
A sua salvação está perto dos que o temem  
e a sua glória habitará na nossa terra.

Encontraram-se a misericórdia e a fidelidade,  
abraçaram-se a paz e a justiça.  
A fidelidade vai germinar da terra  
e a justiça descera do céu.

Leitura da Carta de Paulo aos Romanos (Rm 9, 1-5)

Irmãos: Eu digo-vos de verdade e não minto, a minha consciência mo atesta no Espírito Santo: sinto uma grande tristeza e uma dor contínua no meu coração. Quisera eu próprio ser separado de Cristo em vez dos meus irmãos e por amor deles, que são do mesmo sangue que eu, os israelitas, a quem pertencem a adoção filial, a glória, as alianças, as leis, o culto e as promessas, povo a quem pertencem os Patriarcas e de quem procede Cristo segundo a carne, Ele que está acima de todas as coisas, Deus bendito por todos os séculos. *Ámen.*

**Aleluia!**

Eu confio no Senhor,  
a minha alma espera na sua palavra.

**Aleluia!**

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (Mt 14, 22-33)

Depois de ter saciado a fome à multidão, Jesus obrigou os discípulos a subir para o barco e a esperá-lo na outra margem, enquanto ele despedia a multidão. Logo que o fez, subiu a um monte, para orar a sós. Ao cair da tarde, estava lá sozinho. O barco ia já no meio do mar, açoitado pelas ondas, pois o vento era contrário. Na quarta vigília da noite, Jesus foi ter com eles, caminhando sobre o mar. Vendo-o, os discípulos assustaram-se, pensando que fosse um fantasma. E gritaram cheios de medo. Mas logo Jesus lhes dirigiu a palavra, dizendo: *Tende confiança. Sou eu. Não temais.* Respondeu-lhe Pedro: *Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas. Vem!* — disse Jesus. Então, Pedro saiu do barco e caminhou sobre as águas, para ir ter com Jesus. Mas, sentindo a violência do vento e começando a afundar-se, gritou: *Salva-me, Senhor!* Jesus estendeu-lhe

logo a mão e segurou-o. Depois, disse-lhe: *Homem de pouca fé, porque duvidaste?* Logo que saíram para o barco, o vento amainou. Então, os que estavam no barco prostraram-se diante de Jesus, e disseram-lhe: *Tu és verdadeiramente o Filho de Deus.*

## Aleluia!

Homilia

Em época de desejada *fuga mundi*, a Palavra deste Domingo conduz-nos até ao monte para, dali, regressarmos ao “mar alto” de que não devemos querer fugir. Já me explico. Mas, antes de mais e como sempre, vamos ao(s) texto(s).

Na primeira leitura escutámos o conhecido episódio da tríplice teofania no Horeb, com Elias como co-protagonista. Rapidamente reconhecemos a “trama” do texto e a “simbólica” dos seus elementos, também devido à espécie de “paralelo” com a teofania a Moisés, no Sinai, embora no texto de Elias só a «ligeira brisa» («fino silêncio», na tradução certa de D. António Couto) é verdadeira manifestação da presença/passagem de Deus por ali. Mas gostaria de ir por outro caminho, fixando-me não nos ditos “elementos naturais” (vento, terra, fogo), mas antes num lugar: o monte.

Não vou repetir o que já tantas vezes (e certamente melhor do que eu) outros aqui mesmo disseram sobre a simbologia (bíblico-espiritual, histórico-cultural ou outras) do “monte” e do que ele significa até para a história e identidade (passada, presente e futura) da nossa Comunidade. Atrevo-me, tão só, a recordar algumas “expressões-chave”, como que uma “armadura de clave” a indicar o “tom” do que direi de seguida.

A simbologia do “monte” (com o seu “cume”) destila-se, para o caso presente, com três “d’s”: **desejo, desafio e deserto**. Desejo de ver o que “para lá” (ou a partir) deles se vislumbra; desafio de vencer as dificuldades que a subida nos apresenta e de, atingido o cume, lá “deixarmos a nossa bandeira” (ou “postar” a nossa *selfie*), para depois descer, não sem (in)esperadas dificuldades; deserto de radical (porque biológica) solidão, na vitória ou na derrota que eles nos possam impor, pela (in)capacidade de (n)os superarmos. Por outro lado, sobe-se ao monte não para nele ficarmos (“montar tenda”) mas para, lá chegados, e depois de “vermos” e “ouvirmos” o que eles nos revelam (com mais ou menos “ecos”, exteriores ou interiores), deles regressarmos, porventura “por outro caminho”, ao “vale” por onde corre o rio da vida...

Permanecendo no monte, abrimos agora o Evangelho, mantendo a página-porta de Elias entreaberta.

Assim, se o Horeb é, para Elias, lugar de fuga e de algum descanso (embora “sobressaltado”), o “monte” (sem nome) a que Jesus sobe é lugar de silêncio potenciador da oração. Elias “chega” ao Horeb literalmente “alimentado” e “comandado” pela voz do anjo/Deus (1 Rs 19, 7-8); no Evangelho, é Jesus quem, depois de alimentar uma multidão (Mt 14, 21) decide livremente procurar um refúgio para orar... sozinho. Ambos experimentam o desafio da solidão e do silêncio, inauguradores de um espaço-tempo que não se mede com relógios (Elias «passou a noite», Jesus esteve «desde o cair da tarde» até à «quarta vigília da noite» - entre as 3h e as 6h da madrugada, portanto)...

Elias é “todo ouvidos”: não diz palavra, limita-se a escutar e a cumprir o que Deus lhe manda («Sai fora», «permanece»). Enquanto que Deus “faz acontecer” («o Senhor passou»), Elias apenas vê (o vento que «fendia as montanhas e quebrava os rochedos»), sente («um terramoto»), presencia (um «fogo»)... mas somente quando ouve («uma ligeira brisa») é que “percebe” que Deus está verdadeiramente ali...

No Evangelho, se inicialmente acompanhamos Jesus no silêncio (procurado no monte), logo o texto tudo interrompe e (nos) desassossega: da barca em que os discípulos viajavam sozinhos, “obrigados” por Jesus, ecoam gritos de desespero. Sem o seu Mestre (o mesmo e único que tinham visto a acalmar semelhante tempestade – Mt 8, 23-27) e a ter que enfrentar os ventos que (afinal!) eram contrários, nada podem! Tal grupo em tal barca com tal medo: assim viu Tertuliano, logo no séc. II-III, a própria *Εκκλησία* - *ekklesia* (comunidade, Igreja), de então e de sempre. Ao terror provocado pelo revirar da barca, soma-se a visão terrífica de uma figura desconhecida e disforme («um fantasma») que caminha sobre as águas e vem na sua direção. Tudo veem, mas nada percebem, porque nada reconhecem; tão turbado está o seu olhar e tão profundo é o seu grito que só a voz de Jesus, deles tão bem conhecida, os pode esclarecer e apaziguar: «Tende confiança. Sou eu. Não temais». Irrompe então a figura de Pedro, que tenta aproximar-se de Jesus... mas logo “perde o pé”, vacila. Talvez seja a forma de o evangelista nos dizer: de nada vale pensarmos que bastará estarmos materialmente perto de Jesus (ou das suas “figurações”) se não estivermos sobretudo próximos d’Ele pela e na fé...

Torna-se agora claro o “percurso” a que inicialmente aludi: é quando aceitamos o **desafio do silêncio, do deserto e da solidão** que se nos é revelado o **mandamento e a sua exigência de resposta**: enquanto Elias nada diz mas faz, os discípulos gritam (de susto) e respondem, pela

voz de Pedro, mas com dúvidas e com medo! Assim, só a fé (que escuta e vê “de outro modo”) pode garantir a **“certeza da presença”**: uma certeza que inspira uma confiança que vence toda a dúvida (embora nunca a anulando). Só assim brota a **confissão de fé** («Tu és verdadeiramente o Filho de Deus»), só possível porque fundada numa “experiência pós-pascal”: é o saber que Jesus já venceu a morte (e, nela, toda a espécie de “tormentas”) que permite a Mateus colocar tais palavras nas bocas dos discípulos. É essa experiência – da qual também nós partilhamos, ainda que “dois mil e tal” anos depois –, que nos permite reconhecer a presença constante de Deus. Sabemos que Ele (nos) fala, e até “de muitas maneiras” (*Dei Verbum* 2. 4)... Mas também sabemos (a muito custo) que, por vezes, Ele também Se cala... Contudo, nem assim Ele está ausente ou distante: o “segredo” será sempre o de estarmos dispostos para O procurar, confiando que, qual “Pai pródigo”, Ele vai estar lá/cá sempre.

Esta confissão de fé, densa e necessariamente “comunitária”, é ela mesma o busílis da própria identidade da Igreja-comunidade, aqui e sempre embarcada e peregrina nos mares (tantas vezes encapelados) da História. E pouco importa se uns vêm nesta barca um pequeno bote ou um veleiro, a nau “S. Gabriel” de Vasco da Gama ou a canoa do velho Santiago e do jovem Manolin do romance de Hemingway: os perigos que o mar dos tempos nos apresenta poderão ser tão reais quanto o “grande peixe” de Hemmingway ou tão imaginários como o “Mostrengo”/“Adamastor” de Camões, Rabelais ou Pessoa, mas a luta há de ser sempre a mesma: a da coragem, do destemor, da valentia de procurar sempre a “terra à vista” do Reino prometido (mesmo que não se tenha mapa e como guia apenas alguns trémulos luzeiros no firmamento e um astrolábio a requerer recorrente afinação), uma luta que será sempre contra o medo, contra o susto, contra o desespero, evitando, a todo o custo, o fundo do mar, esse lugar do eterno esquecimento (ou seja, do pior “inferno”: alguém sabe o nome de algum grumete de Pedro Álvares Cabral que “ficou pelo caminho” até ao Brasil?).

Assim, diante das múltiplas (e quase permanentes) “tempestades” que a História (passada, atual ou futura) nos faz/fará atravessar, não consigo deixar de me rever na pergunta (desejando igual identificação na resposta) de D. Hélder Câmara: «Pensas, então, que as fraquezas da Igreja levarão o Cristo a abandoná-la? Quanto mais nossa fragilidade humana atingir a Igreja – que é nossa e d’Ele – mais Ele a sustentará com o Seu apoio, com o Seu carinho».

E é esta (e só esta) a “fé que nos salva”.

*Luís Leal*

Preces

OREMOS ao Senhor pela Igreja Santa espalhada dum extremo ao outro da Terra, Igreja que o Senhor adquiriu pelo Sangue de Cristo: que ele a guarde inabalável ao abrigo das tempestades até à consumação dos séculos!

**Senhor: aumentai em nós a fé!**

OREMOS pelo Episcopado: que transmita fielmente a Palavra da Verdade!

OREMOS pelos Presbíteros e pelos Diáconos e por todas as ordens de ministérios, serviços e empenhamentos: que a todos encha a sabedoria do Espírito de Deus!

OREMOS pelos que presidem às nações e as governam, com todo o corpo da administração e do exército, para que possamos viver em paz, na tranquilidade e na confiança e, em liberdade e sem medo, possamos glorificar Jesus Cristo, nossa esperança!

OREMOS pelo Povo de Deus reunido em Igreja para que se torne o Louvor de Cristo, um reino de Sacerdotes e uma Nação Santa!

OREMOS por esta cidade e seus habitantes, pelos seus doentes e escravos, pelos exilados, pelos marginais, navegantes e viajantes (pelos que estão ausentes em férias), para que o Senhor os assista e seja o seu asilo e defesa!

Comunhão

**O meu alimento é fazer a vontade de meu Pai.**

Esperei no Senhor com toda a confiança

E Ele atendeu-me.

Pôs em meus lábios um cântico novo,

Um hino de louvor ao nosso Deus.

Muitos e maravilhosos são os vossos prodígios  
sobre nós, Senhor meu Deus;

Quisera anunciá-los e proclamá-los,  
mas são tantos que não se podem contar.

Proclamei a justiça na grande assembleia,  
não fechei os meus lábios, Senhor, bem o sabeis.

Não ocultei a vossa bondade e fidelidade,  
no meio da grande assembleia.

Não me recuseis, Senhor, a vossa misericórdia,  
protejam-me sempre a vossa bondade e fidelidade.  
Caíram sobre mim males sem conta,  
assediarão-me os pecados e já não posso ver.

Oração Final

Oremos (...)

Concede-nos, Senhor,  
que estes sacramentos que nos reúnem com fé  
cada primeiro dia da semana  
nos alimentem a verdadeira vida,  
de modo que, dia a dia, demos frutos que permaneçam.  
Por Jesus Cristo, Luz da Vida,  
na Unidade do Espírito Santo,  
que nos ensina a palavra *Pai*  
com que te chamamos.  
Amen!

Cântico final

Laudate omnes gentes,  
Laudate Dominum.

**NIB da Comunidade**

**0018 0000 0576 8070 0013 9**

Leitura diária

2<sup>a</sup>-feira: Ez 1, 2-5.24-28c; Sl 148; Mt 17, 22-27  
3<sup>a</sup>-feira: Ez 2, 8; 3, 4; Sl 118; Mt 18, 1-5.10.12-14  
4<sup>a</sup>-feira: Ez 9, 1-7; 10, 18-22; Sl 112; Mt 18, 15-20  
5<sup>a</sup>-feira: Ez 12, 1-12; Sl 77; Mt 18, 21; 19, 1  
6<sup>a</sup>-feira: Ez 16, 1-15.60.63; Is 12, 2-3.4bcd.5-6; Mt 19, 3-12  
Sábado: Ez 18, 1-10. 13b. 30-32; Sl 50; Mt 19, 13-15